

ESQUECENDO UM POUCO O CELULAR

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

“Cardeais atacam sínodo. E miram o Papa”
(José Maria Mayrink - O Estado de
S. Paulo, 11/8/19, p. A25)

“Vários países da América Latina correm
risco de retrocesso” (Mario Vargas Llosa,
“Retorno à barbárie”, O Estado de S. Paulo,
1/9/19, p. A19)

“O aprendizado do horror da Grande Guerra
se revelou incentivador para novo conflito.”
(Leandro Karnal, “Lições de guerra”, “O
Estado de S. Paulo, 1/9/19, p. C5)

Se os celulares tão vigiados permitirem a leitura dos textos em epígrafe, em sua íntegra, serão muito úteis e importantes.

Começando com a primeira epígrafe, o subtítulo adianta o essencial da matéria: “Religiosos alemães dizem que evento sobre Amazônia seria uma ‘desculpa’ para tratar de política, abolição do celibato e sacerdócio feminino”. Bastaria a inclusão do trecho inicial da matéria de tal texto assinado por José Maria Mayrink, para conhecimento da atual situação da Igreja Católica: “As críticas de cardeais alemães ao Instrumento de Trabalho do Sínodo para a Amazônia e indiretamente ao papa Francisco deverão tumultuar o encontro em Roma, de 6 a 27 de outubro. A reunião de alguns dos principais nomes da Igreja Católica, já alvo de críticas políticas, também vira palco do confronto interno em relação ao atual pontificado.”

Vargas Llosa se refere aos acontecimentos dos últimos tempos na Venezuela, com mais detalhes, com rápida referência a Cuba, e inclusão, em sua preocupação, da Bolívia, do México, da Nicarágua e até do Brasil. Faz algumas ressalvas: “É verdade que existem países como o Chile que, ao contrário dos já mencionados, progredem em passo de gigante, e outros como a Colômbia, onde a democracia funciona e parece progredir, apesar de todas as deficiências do chamado ‘processo de paz’.”

Termina seu importante texto torcendo para que o Brasil continue em sua normalidade democrática: “Certamente, seria terrível para a América Latina que o gigante brasileiro também começasse o retorno à barbárie. Mas isso ainda não aconteceu e muito dependerá do que o mundo inteiro fará e, acima de tudo, da América Latina democrática, para evitá-lo.”

Karnal conclui sua crônica citada em epígrafe com importante observação: “Por fim, se existe uma lição em 1939 é de que democracias plenas não declaram guerra umas às outras na História. A guerra sempre envolve um governo autoritário em um dos campos ou em ambos. Não bastasse tudo, esse seria um grande motivo de defesa do Estado Democrático de Direito.”

A principal sugestão deste breve comentário consiste na leitura integral dos três textos mencionados desde as três epígrafes.